



Etnografando paisagens: entre serras e baixões no sudoeste do Piauí

Cristhyan Kaline Soares da Silva¹

Resumo

Este escrito versa sobre as paisagens da região sudoeste do estado do Piauí; esta região de cerrado se caracteriza pelo avanço do agronegócio nas últimas décadas. A geografia do cerrado é composta pela geomorfologia característica dos planaltos (*chapada*), vales e baixões. Tendo a paisagem em seu processo histórico, ecológico e político chamamos atenção para a transformação constante da paisagem, pelas marcas deixadas pela ocupação e pela vivência nos baixões e pelas transformações que se dão por meio da artificialização da paisagem provocada pelas *plantations* nas áreas das serras. Empreendemos incursões etnográficas na região com intuito de descrever as paisagens da chapada e do baixão. Encaramos a locomoção, o caminhar e o mover-se como práticas etnográficas. Todas as descrições aqui apresentadas são consequência de incursões pelos caminhos e trilhas por entre municípios e comunidades da região. Um aspecto importante da composição paisagística da região sudoeste do estado diz respeito aos caminhos que permeiam toda região. Aprendemos e refletimos com os autores Tim Ingold (2010) e Anna Tsing (2015) que a paisagem é um processo, que conecta várias formas de vidas. Nesse sentido entendemos que a região apresenta um mosaico de paisagens que são ocupadas e vivenciadas de formas diferentes pelos povos e comunidades tradicionais e pelas grandes fazendas de monocultura. Dessa maneira intentamos descrever como essas paisagens são vivenciadas e quais as dinâmicas estão presentes nos processos vitais de cada paisagem. Podemos adiantar para efeito de resumo que as paisagens do baixão e da serra estão conectadas pelos fluxos de pessoas, animais, sentidos e significados que as percorrem.

Palavras-chave: paisagem, etnografia, cerrado piauiense

Introdução

Este escrito é fruto do encontro etnográfico com a paisagem do sudoeste do estado do Piauí a partir de experiências de pesquisa na região. O mesmo está estruturado da seguinte maneira: na introdução apresentamos a região de pesquisa em seu contexto histórico e geográfico e falamos um pouco a respeito da metodologia. Em seguida, expomos fragmentos etnográficos que expõem a paisagem a partir da experiência e vivência na mesma. Por final, salientamos os aportes teóricos usados no escrito em tom de conclusão.

Tendo como plano de fundo a investigação antropológica da paisagem a partir das minhas experiências pessoais e subjetivas, esse texto é resultado de um movimento

¹ Mestranda em Antropologia, Universidade Federal do Piauí.

investigativo localizado (Haraway 2009). Em suma, trata-se de um produto parcial de visitas nas comunidades Baixão Fechado, Brijim, Boa Esperança, Sete Lagoas e vivências na comunidade Vão do Vico e Matas. Por entre idas e vindas olhando e sentindo a paisagem, escutando e seguindo as pessoas do lugar é que construímos esse texto no exercício de movimento por entre as paisagens aqui descritas.

O primeiro contato com a região se deu no ano de 2017, quando na graduação participei de projetos de pesquisa, e desde então até a entrada do mestrado em 2019, sempre estive em contato com a região. Já cursando mestrado em Antropologia no final do ano de 2020 e começo de 2021, fiz incursões pela região para realizar cadastramento de comunidades e produção de relatórios antropológicos para o governo do estado do Piauí. Essa atividade me permitiu uma movimentação entre os municípios de Bom Jesus, Santa Filomena e Gilbués.

Este escrito aborda dimensões de paisagens no bioma cerrado no sudoeste do estado do Piauí. Com base em Anna Tsing (2019), consideremos que a paisagem é um mosaico de fragmentos florestais, isto é, agregados de formas de vida que vivem umas em torno das outras. É nas diferentes dinâmicas de cada fragmento que a heterogeneidade da paisagem se realiza. Nesse sentido, discorreremos sobre a paisagem a partir de seu caráter heterogêneo e dinâmico.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado do Piauí está subdividido em quatro mesorregiões e 15 microrregiões. A mesorregião sudoeste do estado, que faz limite com estado de Tocantins e Bahia, tem como bioma predominante o cerrado.

A partir do final do século XX a região sudoeste do estado testemunha o avanço da fronteira agrícola sobre o cerrado piauiense. Grandes áreas dos planaltos foram desmatadas para dar lugar a grandes fazendas de monocultura. Em seu contexto histórico, a região passou por diferentes dinâmicas de ocupação e vivência no território.

Nesse entrecho territorial do cerrado, despontando conformações pedológicas formadas por latossolos e podzólicos. O primeiro se destaca pela acidez (que pode ser corrigida com uma técnica agrícola chamada “colagem”) e o segundo, por seu aspecto argiloso. A abrangência territorial desta região é composta por vastos planaltos que variam entre 300 a 1600 metros de altitude, e que se dividem entre planícies e vales (ou *baixões*). Ademais, o clima característico dessa região é o tropical, que é delimitado por duas estações: uma chuvosa e outra quente e seca.

A geografia do cerrado é composta pela geomorfologia característica dos planaltos (*chapada*), vales e *baixões*. A *chapada* possui um solo arenoso, que em sua maioria precisa do acréscimo de nutrientes para o cultivo de monoculturas. Esta parte do cerrado é composta por áreas planas que são permeadas com áreas onduladas, quando, cobertas pela vegetação nativa, apresenta uma mata com árvores de pequeno porte.

De acordo com Porto-Gonçalves (2019), os altiplanos do cerrado são cobiçados pela sua fácil adaptação à mecanização da produção de grande escala. Segundo a Agência de Defesa Agropecuária do Piauí (ADAPI), a região sudoeste do estado vivencia um crescente produtivo anual, que vem se destacando pelo desenvolvimento do agronegócio da soja e de outros grãos.² Tal “vocaçãõ” tem consolidado a região produtiva conhecida como MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), que é considerada uma das últimas fronteiras agrícolas do país e do mundo.

Já os vales e baixões localizam-se na parte baixa do cerrado, e se caracterizam pela sua umidade e pelos recursos hídricos neles presentes. Aqueles são depressões que compreendem os compartimentos formados pelos processos erosivos, que levaram a formação das linhas de drenagem e das bacias hidrográficas, e nelas estão os solos mais férteis do bioma (Silva Pereira et al. 2011: 448).

Dessa forma, a paisagem geofísica da região sudoeste do estado do Piauí é eivada de rios e riachos que são tributários do alto curso do rio Parnaíba. A riqueza hidrográfica também se reflete na diversidade dos recursos bióticos e abióticos característicos da região sudoeste do estado do Piauí.

Em sua maioria, as áreas de baixões são povoadas por povos e comunidades tradicionais que vivem há várias gerações na região. Em sua grande maioria, as comunidades se localizam nas partes baixas, pelo acesso aos fluxos de águas.

Atualmente, as áreas das serras são compostas, em grande medida, pelas fazendas de monocultura de grãos. Em sua perspectiva visual, a paisagem das fazendas localizadas em cima da serra é homogênea. A mesma apresenta uma uniformidade nas cores, no tamanho das plantações.

²Agência de Defesa Agropecuária do Piauí (ADAPI). Informações disponíveis em: <https://www.pi.gov.br/investimentos/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

Encaramos a locomoção, o caminhar e o mover-se como práticas etnográficas. Todas as descrições aqui apresentadas são consequência de incursões pelos caminhos e trilhas por entre municípios e comunidades. Um aspecto importante da composição paisagística da região sudoeste do estado diz respeito aos caminhos que permeiam toda região.

Destacamos as rodovias estaduais e municipais que são cruzadas no percurso da capital Teresina até os municípios supracitados. No geral, são vias pavimentadas, que possibilitam um fluxo constantes de pessoas e mercadorias; aliás, elas são projetadas e construídas com esse objetivo.

Já no deslocamento entre os municípios e as comunidades, bem como no deslocamento entre núcleos de povoados da região, são usadas estradas vicinais, de chão batido. Por essas vias se locomovem os moradores da região e trabalhadores das fazendas de monocultura, bem como os caminhoneiros que fazem o escoamento da produção das fazendas de monocultura. Na locomoção nas comunidades, são usados os caminhos e trilhas confeccionadas por pessoas e animais por meio da vivência no lugar.

Nessa perspectiva, pensando na locomoção como uma via etnográfica, entendemos que etnografia é aprender com as pessoas e que a antropologia tem como objeto central a vida (Ingold 2015). Segundo Ingold, o conhecimento tradicional e científico é construído no que autor chama de peregrinação. A peregrinação produz um conhecimento prático do mundo e da vida, e esses conhecimentos e práticas compõem a paisagem. A etnografia é, pois, estar com os sujeitos do lugar, seguir as pessoas e, neste caso, procurar rastrear as relações entre humanos e não humanos e como estes compõem a paisagem.

Ler a paisagem parte da tentativa de compreender como o espaço geográfico é vivido e construído pelos seres que nele vivem. O aspecto movente da experiência pelo espaço funciona, para a etnografia, como uma leitura. Ao movimentar-me pela paisagem, tive a oportunidade de ler a paisagem, escrevê-la e transformar o solo etnográfico ou terra etnográfica. Houve, portanto, um envolvimento perceptivo com o espaço percorrido.

Seguindo as trilhas na paisagem, adentrando na mata, vendo as plantas, ouvindo as pessoas e os animais, sentindo o vento e o aroma e sabores dos frutos do cerrado, pude ler a paisagem e, assim, pude descrevê-la.

Uma das razões práticas da caminhada antropológica é justamente por em evidência outros mundos possíveis. Para Rebecca Solnit, escritora do livro “A história do caminhar”

(2016), o conhecimento do mundo e sobre o mundo é adquirido movendo-se nele. O mundo, o próprio pensamento, máxima do conhecimento, é uma espécie de deambulação pela mente de cada indivíduo. Passaremos agora a uma descrição de algumas dessas caminhadas, movimentações ou deambulações etnográficas pela paisagem.

Etnografando a paisagem

Em junho de 2021 estávamos no povoado Matas, eu e minha colega antropóloga Cintya Kós, com o objetivo de realizar a coleta de informações para a confecção de um relatório antropológico. Para alçar tal objetivo, nossa principal missão era conhecer o território; nesse sentido tínhamos que nos movimentar pelo mesmo.

Como atividade para a manhã de uma quinta-feira, havíamos planejado nos deslocar até um local chamado Mata Velha, mas o carro que nos levaria teve um problema mecânico. Tivemos que ficar aguardando na casa onde estávamos hospedadas e, depois de muitos contatos e conversas, conseguimos uma moto para nos levar até o local previsto.

No meio da manhã o sol já brilhava forte, como que quisesse avisar que não era mais hora de sair de casa. Equipadas de chapéu e cadernos para anotações, avançamos de moto por uma estrada de chão, cheia de subidas e descidas constituídas pela geografia do lugar, composto de riachos, brejos e rios que cortam o território.

Por meio da perspectiva visual é possível observar que, por entre as estradas, a paisagem é composta por roças de pastos com algumas cabeças de gado entre um morro e outro; de vez em quando encontramos casas, algumas com currais próximos. Na ida, foi um percurso rápido; o rapaz que nos levava seguiu por um atalho na encosta de um morro, e depois de atravessar o rio Taquara três vezes chegamos ao núcleo Mata Velha.

Ficamos para o almoço na residência de Dona Emília; a mesma não se encontrava, entretanto fomos recebidas pelos filhos João e Pedro Neto. A casa de dona Emília fica em uma parte alta na beira do rio Taquara (figura 1), a menos de vinte metros da cozinha é possível ver e ouvir o som do rio. Do outro lado do rio, há uma horta onde a família planta cheiro-verde, banana, cana, entre outras frutas e hortaliças.



Figura 1 Rio Taquara.

Fonte: Silva (2021).

Depois de conversar um pouco sobre a ocupação e organização do espaço, atravessamos um campo cheio de palmeiras de babaçu e seguimos a pé para explorar mais o lugar; novamente, atravessamos o rio Taquara. Combinamos com o rapaz que viesse nos buscar pela tarde, mas depois de concluir a coleta de dado optamos por retornar a pé. O retorno se tornou mais produtivo, por dizer assim, pois permitiu uma melhor observação da paisagem. Lembro-me de me sentir triste por não conseguir identificar alguns pássaros que avistamos pelo caminho.

Por uma parte do trajeto atravessamos o rio Taquara diversas vezes; o mesmo faz uma espécie de zigue-zague pelo baixão, e tínhamos de tirar e colocar os calçados em toda travessia. Sempre que nos aproximávamos dos cursos de água, a copa das árvores e a umidade tornavam a temperatura mais amena. Era um dia quente. Lembro da sensação de vontade de me jogar na água fria.

Na outra metade do trajeto, distanciando-se do leito do rio, descemos e subimos morros, nas partes baixas sempre encontrávamos cursos de água, alguns tímidos, como um fio, que se mantinham apesar do tempo quente. Essa ação de atravessar o espaço geográfico a pé

proporciona uma apreensão mais detalhada da paisagem. Depois de mais ou menos uma hora de caminhada, chegamos de volta no fim do dia na casa onde estávamos hospedadas no centro do povoado Matas.

Como parte da atividade de mapeamento, tínhamos que ir até os lugares para coletar o ponto e etnografar o lugar. Nessa incursão, planejada com antecedência, tínhamos que ir até um local chamado cabeceira da Aldeia. Esse local é importante pois compreende a nascente do um brejo e é um ponto limítrofe do povoado Matas.

Nos deslocamos de carro, éramos eu, o motorista seu Fernandes, e seu João Nilo que nos guiaria. Para chegar até o local tínhamos que atravessar várias fazendas de monocultura; tivemos dificuldade para encontrar o caminho correto e nos perdemos várias vezes entre as estradas, que, sem sombra de dúvidas, eram todas iguais para mim.

No trajeto, seu João Nilo pontuou várias vezes que estava tudo muito diferente, pois a última vez que tinha andado por ali, ainda era tudo mata. A narrativa de seu João Nilo, de que antigamente as chapadas eram tudo mata, local de caça, coleta de mel e solta do gado, é compartilhada por muitos outros moradores, quando interpelados acerca da chegada do agronegócio na região. Os campos de cultivos de monocultura são todos iguais, nos perdemos entre o mar de milho e soja. Não havia nenhum ponto de referência, uma árvore ou coisa do tipo. Depois de pegar vários caminhos errados, finalmente chegamos à cabeceira da Aldeia.

Tivemos que atravessar as fazendas para ter uma visão da parte alta do lugar, pois segundo seu João Nilo, os caminhos pelo baixão eram mais fechados. Depois de atravessar o mar de monocultura, e mais ou menos vinte metros de mata, se chega à beira de um penhasco de mais ou menos 300 metros de altura (figura 2). Nesse entremeio, a parte baixa, a mata é verde contrastando com a cor amarelada das plantações (figura 3) que atravessamos até chegar ali.



Figura 2 Vale da cabeceira da aldeia.
Fonte: Silva (2021).



Figura 3 Fazenda de monocultura.
Fonte: Silva (2021).

Em outro dia de movimentação por entre o território, estava na comunidade indígena Vão do Vico que se localiza a vinte quilômetros do povoado Matas. Nos deslocamos para a parte mais baixa da comunidade, para visitar as lagoas, entre outros locais da comunidade. Fizemos o trajeto de motocicleta – eu, Zumira, Genilto, Jaime, Joelma e Zé Orlando.

Depois de 5 minutos da saída da casa, descemos uma ladeira bem alta, e assim chegamos à parte baixa, na qual estão localizadas as lagoas. Primeiro visitamos uma roça de arroz, depois nos deslocamos por entre carreirinhos até chegar no local, que, segundo os moradores, foi um primeiro local de moradas dos fundadores da comunidade. Nesse local havia várias mangueiras, que foram plantadas há várias décadas; era da época da fruta, então, ainda havia muitas mangas no chão.

Observamos a paisagem e aproveitamos um pouco da sombra das mangueiras e entre um assunto e outro seguimos caminho para ir até a lagoa feia. A lagoa feia, (figura 4) que a propósito é muito bonita, fica localizada entre serras e serve de local de pesca e bebedouro para outros animais.



Figura 4 Lagoa feia.

Fonte: Silva (2020).

Depois de parar um pouco e observar a lagoa e alguns animais que estavam por perto, retornamos e fizemos a última parada na lagoa da posta, menor que a lagoa feia; a lagoa da posta fica perto da primeira ladeira que descemos. Um fato interessante é que eu não havia percebido isso até ser avisada. As serras que circundam a lagoa da posta são mais íngremes, o que faz com que se tenha percepção do quanto é alto até a chapada. Depois de ficar um pouco, voltamos para casa para o preparo do almoço.

Trago aqui esses fragmentos das estadias e movimentações em tais comunidades com a intenção de pontuar as estruturas paisagísticas no baixão e na serra. Essas estruturas paisagísticas estão integradas por complexas relações de trocas, movimentação e habitação entre humanos e não humanos.

A antropologia entre baixão e serra

Em sua grande maioria, as moradias dos povos e comunidades da região se localizam na parte baixa. As áreas de baixão, nas quais estão localizados os fluxos de água, são marcadas

pela preservação da mata nativa, pelos rios, brejos e lagoas, pelas marcas das estradas vicinais e carreirinhos.

São esses caminhos e trilhas específicos de cada comunidade, produzidos e usados em contexto local que nos interessa. Obviamente que em determinados aspectos a dinâmica de vivência da paisagem do cerrado do sudoeste piauiense se dá de diferentes maneiras no baixão e na serra.

No baixão estão localizados os fluxos vitais de uma paisagem ainda preservada. Na parte baixa do cerrado coabitam animais, pessoas, plantas, entre outras formas de vida. É nos brejos, nos baixões, por exemplo que estão localizados os buritizais. O buriti é um importante fruto para as comunidades de região, do qual é produzido o doce, a rapas e a polpa que são usados para consumo próprio e para venda de excedente.

Embora eu, enquanto pesquisadora, não tenha o olhar treinado para identificar animais, espécies de plantas, e/ou insetos, pelos caminhos e trilhas pelos quais passei no baixão sempre escutava os sons dos animais, por vezes via e podia constatar sua presença pelos caminhos deixados pelos mesmos.

Os quintais produtivos que circundam as casas se misturam à vegetação da floresta do baixão, formando assim uma importante unidade paisagística da região. Ao redor das casas de moradia, é comum o plantio de mangueiras, cajueiros, bananeiras, entre outras árvores frutíferas. Estas são usadas na alimentação, bem como no sombreamento ao redor da casa de moradia.

No baixão, a paisagem em sua temporalidade apresenta ritmos diversos entre espécies e indivíduos. Entre as estações chuvosa e/ou seca, a dinâmica se transforma de acordo com as atividades de cultivo, extrativismo, caça, pesca etc. Ao redor das lagoas, por exemplo, há marcas na paisagem que são deixadas pelas idas e vindas da pesca, bem como pelos fluxos dos animais que se dirigem na estação seca para saciar a sede.

Tim Ingold (2010) advoga que o movimento faz parte da construção do saber. Nessa movimentação, o corpo deixa marcas pelo caminho, as quais podem ser descritas como inscrições/impressões ou carimbos. A impressão, segundo este autor, é uma marca espontânea que o sujeito deixa por onde passa, já o carimbo faz parte de uma ação pré-definida para um fim específico. Neste sentido, podemos refletir acerca das marcas na paisagem do sudoeste piauiense.

A paisagem do cerrado, nos espaços das comunidades, é marcada de impressões e inscrições deixadas pelos sujeitos que ali vivem e vivenciam o território. A exemplo disso, podemos citar os carreirinhos, também conhecidos como veredas, que são caminhos que permanecem como marcas construídas pela movimentação cotidiana de pessoas ou animais pela terra/chão. Esses carreirinhos formam um emaranhado de trilhas pelo território que as pessoas e outros seres que habitam o lugar conhecem muito bem.

Já a paisagem das fazendas do topo das serras/chapadas pode ser concebida como um carimbo. Na perspectiva proposta por Tim Ingold (2010), essa paisagem é planejada com um fim específico. Em uma escala maior, nesse caso, a marca na paisagem não é configurada apenas por pessoas ou outros seres em seu cotidiano, mas sim por máquinas de grande porte.

A paisagem, em sua dimensão dinâmica, não apresenta sentidos ou direções a serem seguidos de forma unidimensional; a paisagem do baixão segue seu fluxo livre, fruto da relação entre humanos e não humanos com o lugar habitado. À revelia disso, a paisagem da serra/chapada é povoada de máquinas, previsões de plantios, estimativas de colheitas e caminhos e estradas uniformes.

A *plantation* impõe um modo de cultivo da terra em grade escala que recorre a produtos quimicamente e geneticamente modificados. Diante do processo de desmatamento que esse tipo de atividade requer, as florestas não têm possibilidade de retorno ao seu estado original de pluralidade de vidas e seres. O desmatamento não somente acaba com as constâncias do universo tangível (biodiversidade) como também impele ao abandono forças de agentes invisíveis e visíveis.

De acordo com Tsing (2015), as *plantations* são marcadas por uma temporalidade monótona, enquanto a paisagem do baixão apresenta uma pluralidade de formas de vida; a paisagem da serra, que é composta pelas fazendas, se caracteriza pela unidade, na plantação, na colheita e nos produtos que são colhidos.

Joana Cabral de Oliveira (2021), em seu artigo “Agricultura contra o estado”, chama atenção para a homogeneidade da plantação na agricultura industrial capitalista como um valor. Ainda segundo esta autora, no geral a estética moderna prefere a homogeneidade à diferença.

Há uma dessemelhança entre os aspectos produtivos na paisagem do baixão e da serra. No baixão é cultivado, arroz, feijão, mandioca, milho, fava, melancia, abóbora, gergelim, batata, banana, cana etc. O local de cultivo é a roça, que não passa de poucos hectares, na qual

o desmatamento não é um problema, a produção é feita em pequena escala e apresenta uma variedade entre as próprias espécies cultivadas. Os produtos colhidos pelos moradores das comunidades nos baixões é destinado ao consumo interno e troca e/ou venda do excedente.

Nas serras/chapada, por sua vez, segue-se uma lógica inversa, na qual a fazenda é um local de produção de grande proporção e pouca variedade. Nas fazendas, são produzidos o milho, a soja, o milheto e algodão. Esses produtos são produzidos em larga escala e direcionados única e exclusivamente para a venda.

Anna Tsing (2019) nos ajuda a compreender que as *plantations* passaram por um projeto de “escalabilidade” que tem como ideal de se tornar apenas uma espécie possível de existência, assim, a diversidade é sucumbida e as falhas desse projeto começam a emergir (como os fungos que nascem no meio dessas monoculturas). As *plantations* transformaram paisagens em padrões e segregações com o único objetivo de gerar progresso e lucro.

Tendo a paisagem em seu processo histórico chamamos atenção para a transformação constante da paisagem, pelas marcas e carimbos deixados pela ocupação e pela vivência. A paisagem do sudoeste do estado do Piauí a partir das décadas de 1990 testemunha o avanço do agronegócio em seus planaltos; esse contexto provoca mudanças na composição da paisagem.

Os baixões são afetados pelo assoreamento dos rios e riachos, pela extinção e diminuição de animais etc. Já na serra, essa transformação se dá por meio da artificialização da paisagem provocada pelo desmatamento para implementação das *plantations*.

Cisões conceituais entre natureza e cultura não são bem-vindas para analisar e descrever a paisagem sudoeste do estado do Piauí. Com a descrição do baixão e da serra não estamos delineando qual paisagem é mais conservada (natural) ou artificial (cultural), nossa intenção é apontar as diferentes formas de habitar, usufruir e construir o complexo paisagístico do sudoeste piauiense.

A paisagem é histórica, à medida que se transforma de acordo com o contexto em que se encontra. O caminho, o caminhar, a locomoção e o movimentar-se pela paisagem são formas de compor, habitar e conhecer a paisagem. A paisagem dos baixões está repleta de marcas, locais nomeados nos quais o tempo e o espaço se fundiram e onde, por meio da vivência a intersecção entre esses locais, é viva e torna-se um emaranhado dinâmico de trilhas, linhas e pontos. Com base em Tim Ingold (2010) entendemos que a paisagem não é um pano de fundo

para a ação humana. Paisagem é um processo fruto de um labiríntico sistema de interação entre seres, energias, sentidos.

A paisagem do sudoeste do estado do Piauí é composta, portanto, por um quadro complexo que é formado pelas estradas viciais e de asfalto, pelos núcleos de povoamento das comunidades, pessoas, fazendas de monocultura do agronegócio, caminhos, pela floresta, animais, solos, limites fronteiriços, rios, rochas, enfim, pelo mundo vivo e vivido em suas continuidades e descontinuidades.

A experiência corporificada de movimentação pela paisagem nos coloca em contato com a experiência sensível no lugar. Na primeira vez em que estive em um brejo, fiquei admirada com a nítida diferença de temperatura entre o baixão e a serra, à medida que fomos adentrando na mata, que se aproximando do curso de água a temperatura foi diminuindo, me recordo da sensação que envolvia o corpo e os olhos. A iluminação também é diferente no brejo, pois os raios solares chegam com mais dificuldade por conta da copa das árvores que são mais densas nos arredores do brejo.

É evidente que esses locais carregados de significados simbólicos individuais e coletivos, funcionam de diferentes perspectivas para moldar o que nós estamos chamando de paisagem.

Considerações finais

Tendo em vista que a paisagem do baixão é marcada pela movimentação constante, pela formação constante de trilhas e caminhos habitados, percorridos e vividos, o agronegócio em sua potência de unificar a paisagem torna-se, pois, ao nosso ver, um descaminho, à medida que uniformiza a paisagem e unifica os caminhos percorridos nos limites das fazendas nas chapadas.

Formando assim um mosaico de paisagem que contempla várias realidades biofísicas diferentes, a paisagem do sudoeste piauiense não se resume aos limites das fazendas ou das comunidades; embora apresentem lógicas diferentes e por vezes antagônicas, as mesmas também possuem relações e não podem ser descritas de formas isoladas. A exemplo do deslocamento das pessoas entre fazendas e núcleos povoados, a exemplo dos cursos de água que descem das fazendas; os pássaros que sobrevoam as fazendas e vão em busca de alimentos no baixão, entre outros animais que se movimentam por entre o baixão e a serra.

Aprendemos com Anna Tsing que esse conjunto de seres compartilhando o mesmo espaço compõem a paisagem. E também aprendemos com Tim Ingold que as redes de caminhos falam por si, dos seres que habitam o lugar. Na perspectiva apresentada neste ensaio, a antropologia se coloca por meio da etnografia como uma forma sensível de aprender sobre e com a paisagem.

Referências

- HARAWAY, D. 2009. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, (5): 7-41
- INGOLD, T. 2010. “Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16: 121-139.
- INGOLD, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. 2019. *Cerrados e de suas Riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimento científico*. Rio de Janeiro e Goiânia: FASE e CPT.
- OLIVEIRA, J. C. 2021. “Agricultura contra o estado”. In: J. C. Oliveira; M. Amoroso; A. G. M. Lima; K. Shiratori & S. Marras (orgs.), *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu. pp. 77-106.
- SILVA PEREIRA, B.; VENTUROLI, F. & CARVALHO, F. “Florestas estacionais no cerrado: uma visão geral”. *Pesquisa Agropecuária Tropical*, 41(3): 446-455.
- SOLNIT, R. 2016. *A história do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes.
- TSING, A. 2015. “Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. *Ilha – Revista de Antropologia*, 17(1): 177-201.
- TSING, A. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB, Mil Folhas.